



11ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS & 8º Simpósio de Pós-Graduação

AULAS DE REFORÇO NO ENSINO DE QUÍMICA PARA ALUNOS COM DIFICULDADES COGNITIVAS: Um Relato de Experiência

Elizangela M. C. A. MORAIS¹; Natielly C. M. SOUZA²; Rodrigo O. MARQUES³; Samantha P. LOPES⁴;

RESUMO

O projeto está sendo desenvolvido em uma escola de ensino médio regular no período matutino na cidade de Pouso Alegre - MG, junto ao o Programa de Residência Pedagógica. O projeto se baseia em aulas de reforço com adaptações metodológicas, para auxiliar os discentes com dificuldades cognitivas na disciplina de química, contando sempre com a presença/auxílio do Professor de Atendimento Educacional Especializado da escola. Como estratégias de ensino estão sendo adaptadas metodologias que estão sendo inseridas como uma ferramenta para facilitar a aprendizagem, desenvolver a autonomia em relação aos conceitos básicos tratados na química utilizadas atividades lúdicas e práticas em consonância com o material didático usado no ensino de química na escola do estudante.

Palavras-chave: ADAPTAÇÕES METODOLÓGICAS; AUTISMO; INCLUSÃO.

1. INTRODUÇÃO

O ensino de química é de suma importância no processo de ensino aprendizagem, desta forma os professores precisam viabilizar ao discente com necessidades especiais um discernimento crítico sobre a realidade NUNES; ADORNI, (2010). No dia a dia escolar a maioria dos alunos apresentam grandes dificuldades com os conteúdos de química e em sala de aula cabe ao docente inserir didáticas diferenciadas levando em conta as limitações de cada indivíduo, ligando o ensino aos acontecimentos do cotidiano do aluno, para que estes possam perceber a importância socioeconômica da química, numa sociedade avançada, no sentido tecnológico (TREVISAN e MARTINS, 2006).

¹ Elizangela M. C. Alves de Moraes Residência Pedagógica /CAPES, IFSULDEMINAS – Campus Pouso Alegre. E-mail: elizangela.alves@alunos.ifsuldeminas.edu.br

² Natielly Cecilia M. de Souza Residência Pedagógica /CAPES, IFSULDEMINAS – Campus Pouso Alegre. E-mail: nathellymoreira03@gmail.com

³ Rodrigo O. Marques Residência Pedagógica /CAPES, IFSULDEMINAS – Campus Pouso Alegre. E-mail: rodrigoeumarques@gmail.com

⁴ Samantha Pinheiro Lopes Residência Pedagógica /CAPES, IFSULDEMINAS – Campus Pouso Alegre.. E-mail: samantha_cininho@hotmail.com.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O uso de metodologias adaptadas nas aulas de reforço, proporciona envolver uma quantidade de alunos maior no processo de aprendizagem, pois existem inúmeras formas de aprender. De acordo com: Aquino (2007, p. 6) explica que:

Aprendizagem refere-se à aquisição cognitiva, física e emocional, e ao processamento de habilidades e conhecimento em diversas profundidades, ou seja, o quanto uma pessoa é capaz de compreender, manipular, aplicar e/ou comunicar esse conhecimento e essas habilidades. A aprendizagem está, portanto, intimamente relacionada à profundidade do processamento de habilidades e conhecimento, ou seja, ao nível que representa o quanto estamos engajados em pensar sobre o que está sendo aprendido.

Desse modo, o contexto escolar é um local de formação humana, convivência e troca de relações (Dessen e Polonia, 2007); um espaço diversificado de significados históricos, emocionais e sociais, onde estes são essenciais para entender como se desenvolve o processo de aprendizagem, a partir da singularidade de cada aluno (Panizzi, 2010). Portanto, o autismo está dentro do quadro de descrição de necessidade educacional especial, tais indivíduos autistas não podem ser vistos e tratados de outra forma. Levando em consideração que a escola deva saber como trabalhar tendo conhecimento de tal informação oferecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394, de 1996) em seu capítulo V, que dá respaldo a educação especial na perspectiva de inclusão em escolas no ensino regular. Levando em conta que as definições do autismo serem explícitas, a multiplicidade de graus que compõe esta síndrome torna-a complexa. Também não podemos desconsiderar que não há um diagnóstico neurológico, ou de origem biológica, que define o autismo, segundo Fróes (2007):

Que apresenta, em caráter permanente ou temporário algum tipo de deficiência física, sensorial, cognitiva, múltipla, condutas típicas ou altas habilidades, necessitando, por isso, de recursos especializados para desenvolver mais plenamente o seu potencial e/ou superar ou minimizar suas dificuldades. ” (BRASIL, 1994 Fróes, 2007, p.27).

É de suma importância incluir o discente na ciência o uso de recurso de metodologias adaptadas em salas de aula, pois além de poder se identificar com a química ele pode se relacionar com alunos normais podendo ter uma vida normal.

3. MATERIAL E MÉTODOS

A estratégia utilizada no presente projeto é o relato de experiência didática com o intuito de refletir sobre a prática docente para a disciplina de Estágio III, no curso de Licenciatura de

Química. Optou-se por trabalhar a disciplina de química o conteúdo de Misturas inicialmente será trabalhado a investigação (atividades adaptadas) e em seguida a teoria dos conteúdos, tendo assim maior interação entre os alunos. As aulas foram desenvolvidas sempre em equipe no laboratório da escola na presença do professor de apoio e com quatro alunos entre 16 a 17 anos que possui laudos médicos caracterizando as DC, e estão matriculados no segundo ano do ensino médio. Em seguida levou-se os alunos para o laboratório e utilizando figuras para explicitar que a água e sal, areia, óleo, açúcar, leite, pedras, que poderia ser um material sólido ou líquido, depois com os mesmo materiais das figuras fizemos as misturas para explicar o que era um mistura homogênea e heterogênea.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As complexidades dos alunos diante do desenvolvimento de conceito sobre misturas é muito evidente, porém, ao preparar as aulas mais didáticas com metodologias adaptadas alcançaram resultados expressivos no processo de aprendizagem os alunos em muitas funções intelectuais como: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar os elementos.

5. CONCLUSÕES

É de suma importância atividades com adaptações metodológicas em uma situação de inclusão como essa. Cabe ao professor estabelecer de forma positiva os limites, jamais fazer comparações entre os estudantes e tão somente buscar mediar para que o estudante aprenda por sua própria ação, deixando que ele experimente e observe. É dever da escola se modificar e proporcionar um ensino de qualidade a todos.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e também gostaríamos deixar um agradecimento a nossa instituição de ensino, O Ifsulde Minas-Pouso Alegre, por todo o apoio.

REFERÊNCIAS

AQUINO, C. T. E. de. **Como aprender:** andragogia e as habilidades de aprendizagem. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

Dessen, M. A. & Polonia, A. D. C. (2007). **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia, 17(36), 21-32.

FRÓES, Maria A. V. As produções acadêmicas em educação especial: uma análise de discurso. 2007. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007. Disponível em: http://www.bdt.d.ufjf.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=53.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Lei nº9.394/96, de 20 de dezembro de 1996). Disponível em: . Acesso em: 1 ago. 2019.

Panizzi, C. A. F. L. (2010). A Relação Afetividade-Aprendizagem no cotidiano da sala de aula: enfocando situações de conflito. Espaço Psicopedagógico. Jan.1999.